

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO**  
**DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO**



**LINDA ROSANE CALDEIRA DA SILVA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO**

**Santa Maria**

**2010**

**LINDA ROSANE CALDEIRA DA SILVA**

**EDUCAÇÃO FÍSICA NAS SÉRIES INICIAIS**  
**Possibilidades e implicações no processo ensino**  
**aprendizagem**

**Memorial apresentado a Pós-Graduação da**  
**Universidade Federal de Santa Maria, como**  
**pré-requisito para a conclusão do Curso de**  
**Especialização em Educação Física Escolar.**

Wenceslau V. C. Leães Filho  
Orientador

Santa Maria  
2010

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado a fé para concluir este estudo e forças para não desistir nas dificuldades; aos meus filhos e esposo pela compreensão nos momentos de ausência; aos meus alunos que foram minha inspiração principal; aos meus colegas de trabalho que, através de conversas informais, contribuíram e entenderam o propósito do estudo; aos meus professores e colegas de cursos, que ajudaram, através das discussões e trabalhos, a enriquecer e aumentar meus conhecimentos.

## ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. HISTÓRICO PESSOAL.....	7
3. PRÁTICA PEDAGÓGICA - SÉRIES FINAIS.....	9
4. PRÁTICA PEDAGÓGICA - SÉRIES INICIAIS.....	13
5. BUSCANDO RESPOSTAS –.....	16
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
7. REFERÊNCIAS.....	23

## INTRODUÇÃO

*É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.*

Paulo Freire<sup>1</sup>

Seguindo este pensamento, percebi que foi atuando em escola pública que me encontrei como profissional da educação. Foi onde encontrei forças para agir conforme os meus ideais de professora de Educação Física, fugindo da hegemonia de ser apenas alguém que brinca, joga, ou substitui a falta de algum professor,

Minha prática, em quase todos os níveis do ensino fundamental, me fez confirmar a importância desta disciplina e perceber a necessidade de conscientizar os profissionais das outras áreas dessa importância. As dificuldades desse desafio é que me conduziram à realização deste estudo, que teve início quando da minha admissão no quadro de professores de escolas públicas municipais e estaduais de Santa Maria e São Pedro do Sul – RS, consecutivamente.

Como apreciadora de textos filosóficos, penso que Merleau-Ponty deixa clara a idéia deste trabalho, em forma de memorial, quando fala: “É certo que a vida não explica a obra, mas certo também que elas se comunicam. A verdade é que esta obra a ser feita exigia esta vida<sup>2</sup>.”

1. [http://www.pensador.info/pensamentos\\_paulo\\_freire](http://www.pensador.info/pensamentos_paulo_freire)

2. Merleau-Ponty in, “A irrecusável Busca de Sentido: autobiografia intelectual” de Scarlett Marton. Ed. Unijui,2004. Pag 15

A vida nos apresenta muitos desafios, mas, para enfrentá-los, precisamos vivê-los, identificar as dificuldades, os supostos erros e acertos e refletir sobre a melhor forma de mudança, levando em conta todo o contexto do desafio. Foram minhas reflexões que me levaram à busca de mais conhecimentos e me colocaram diante de vários autores e suas teorias o que, ora me dava tranquilidade, ora me deixava apreensiva e em dúvidas sobre estar no caminho certo.

Meu principal desafio nesta caminhada foi atuando nas séries iniciais, para o qual não tinha conhecimentos de formação, além de enfrentar a idéia das unidocentes de que estaria invadindo seu espaço, desqualificando seu trabalho. O trabalho com as séries finais impulsionou as minhas buscas pela valorização desta disciplina, quando percebi a diferença entre ministrar aulas para crianças que praticavam a Educação Física nas séries iniciais e para as que não tiveram esta prática como parte de seu aprendizado. Das leituras, conversas casuais e discussões em reuniões pedagógicas, minhas reflexões me levaram ao Curso de Especialização em Educação Física Escolar, onde através de trabalhos propostos pelas disciplinas, discussões com colegas de profissão, autores que enriqueceram minhas buscas e opiniões de mestres na área<sup>3</sup>, criou-se a idéia de levar aos profissionais de Educação, e principalmente aos da área de Educação Física, este estudo, em forma de memorial<sup>4</sup>, com o objetivo de descrever minha prática, dificuldades, fracassos e sucessos, contribuindo para a conscientização dos colegas educadores da importância da Educação Física na formação global do indivíduo, ou seja, na sua educação geral. Arrisco-me, ainda, dizer que minha vivência prática levou-me a convicção de que a Educação Física não é só importante, mas fundamental em todos os níveis de ensino.

**3. Prof. Ms. Wenceslau Virgílio Cardoso Leães Filho**, orientador deste estudo / **Prof. Dr Rosalvo, Prof Dr. João Magno Ribas e Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Cecília Camargo Günther** componentes da banca examinadora.

4. Relato por escrito, pormenorizado de um fato documentado ou um local, a fim de que o mesmo seja identificado pela sua leitura. Normalmente tem o objetivo de explicitar, na forma de um texto, as informações mais importantes e que constam de um projeto. É uma obra literária na qual o autor (ou um dos personagens) evoca fatos a que tenha assistido ou em que tenha tomado parte.

## HISTÓRICO PESSOAL

Não vou me deter aqui descrevendo a miúdo minhas origens, apenas salientarei alguns detalhes que penso serem relevantes no propósito deste trabalho. Fui educada para sempre valorizar todo e qualquer estudo, “Pois é através dele que se aprende a lidar com o mundo e a vida que Deus nos proporciona” dizia meu pai, funcionário público estadual. Devemos estar em constante aprendizagem para podermos crescer e evoluir diante das diversidades que aumentam a cada década, a cada século. Quando criança, junto com meus irmãos, costumava passar tardes correndo, pulando, jogando, arremessando, enfim explorando todos os movimentos que me era possível fazer. Em muitas dessas travessuras, não percebia, por exemplo que, quando se pula de certa altura, a força era menor do que se pulasse de baixo para cima e, muito menos, conhecia o que significava a palavra inércia, mas lembro que conseguia saltar qualquer obstáculo sem perder tempo, na brincadeira do pega-pega sem ser apanhada. Isso me dava muita alegria e hoje sei que se trata de autoconfiança, além de que naqueles dias dava-me mais força de querer explorar coisas ainda mais difíceis e, se não conseguia , tentava até conseguir, o que era minha inspiração para sempre querer sair para brincar e buscar novas provas. Essas habilidades foram notadas nas aulas de Educação Física na escola, onde estava sempre entre as primeiras a ser escolhida, talvez não por ser a que jogava melhor, mas pela facilidade em movimentar-me com rapidez e agilidade. E havia aqueles colegas que, ou não participavam, ou não conseguiam fazer movimentos simples de pular sobre uma corda. E eu me perguntava por quê?

A sede de movimentos levou-me à prática do handebol, da ginástica rítmica e da dança; modalidades que tive oportunidade de vivenciar nas escolas onde estudei e de que resultou minha escolha pela faculdade de Educação Física. A graduação trouxe-me os conhecimentos intrínsecos à prática desta disciplina, mostrando-me o lado pedagógico e científico dos esportes e atividades recreativas. Depois de ter iniciado profissionalmente como instrutora de academias, onde a base dos objetivos é condicionamento, estética e saúde em

busca de melhora da qualidade de vida, segui para o desafio de atuar em escolas, onde os objetivos, embora ainda dominados pela prática esportiva, têm a responsabilidade de formar indivíduos capazes de enfrentar as diversidades sociais e as transformações mundiais.

Considero que os conhecimentos adquiridos na graduação não foram suficientes para a preparação de um educador, pois a prática e as realidades escolares, principalmente das públicas, onde atuo, fazem, da minha, uma formação que deixou de fora alguns pressupostos importantes, os quais auxiliam na valorização da disciplina. A falta de um maior contato com o ambiente de trabalho pretendido pelo profissional (escola ou academia), o trabalho com séries iniciais, a política educacional, e sua legislação, enfim, aspectos com que o profissional só se defronta na prática, levam-no a metodologias que facilitam a sua prática em detrimento dos objetivos reais exigidos pelo ambiente de trabalho e das necessidades dos alunos.

Na prática pedagógica, vivenciei situações iguais às minhas – mas agora como professora – e senti a necessidade de usar minhas lembranças como sustentação de minhas metodologias. Como diz Paulo Freire (2000)<sup>5</sup>: *Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.*

5. Com seus pensamentos filosóficos, o educador Paulo Freire, tornou-se uma inspiração para gerações de professores com sua **Pedagogia da Libertação**, e comigo não foi diferente, embora as obras de Freire sejam voltadas para alfabetização, foi conhecendo suas pedagogias que me tornei uma educadora mais consciente e que se criou a intenção de trabalhar em escolas transpondo suas idéias para as aulas de Educação Física. Por isso valer-me-ei neste estudo de vários pensamentos deste grande educador e filósofo brasileiro. Neste é uma colocação de sua obra: “Pedagogia da Indignação” (2000 - pg. 33).

## PRÁTICA PEDAGÓGICA - SÉRIES FINAIS

Iniciando como qualquer profissional da área, colocando em prática o conhecimento de graduação que, quanto mais me envolvia no desafio; mais percebia que o curso me serviu apenas de base, pois a realidade prática é muito mais ampla e complexa, e necessita de constante estudo de atualização, reflexão e revisões metodológicas. Quando tentava convencer os alunos a participarem das aulas, a praticar todas as várias atividades de movimentos, os argumentos se esgotavam no momento em que surgia o questionamento do por que daquelas atividades. Ao mesmo tempo respondia **aquela** pergunta que me fazia quando aluna: Por que minhas colegas não queriam ou não conseguiam fazer uma atividade, que a mim parecia muito fácil, de pular sobre uma corda? O que se observa na realidade é que, muitas vezes, o aluno não sabe por que está realizando tal atividade nem o significado e os valores sócios culturais inseridos na prática pedagógica da aula de Educação Física, conseqüentemente sem diálogo e sem comprometimento do aluno<sup>6</sup>. Além disso, tem o fator timidez, medo e baixa auto-estima, constantemente observado em crianças e adolescentes, principalmente de escolas de comunidade com baixo padrão de vida.

6. Cito aqui de uma colocação de uma colega de profissão em seu artigo de formação- Adriana Gaier(2001).

Ainda percebia que, apesar de o futebol ser a atividade mais querida pelos alunos, não conseguia uma partida sem que houvesse discussão, choros, stress, além de preconceitos, competição **pela bola** e não entre equipes. Queriam jogar só numa posição alegando não conseguirem chutar daquele lado; se todos chutavam com o mesmo pé, não tinha jogo pelo lado contrário. Conduziam a bola apenas com um pé. Muitos se protegiam da bola ao invés de chutarem. Além disso, só jogavam se fossem atacantes da equipe. E ainda tinha a questão dos - “fominhas” que tinham a pretensão de resolver sozinhos todos os problemas da equipe. Nas outras atividades de recreação e ginásticas, quando se contava com as presenças dos alunos, para se formar um círculo, tinha que dar as mãos; falar em esquerda ou direita, era falar em outro idioma; certos movimentos eram motivo de risos e de declarações preconceituosas e o aquecimento era perda de tempo para jogo. Esses eram alguns dos problemas que estavam me levando para a “tranqüilidade” do “atira bola”.

Nas teorias percebia que além de muitas não condizerem com as realidades das escolas em que atuava, a prática era tão difícil de acontecer que logo desestimulava o trabalho. As reuniões pedagógicas só aumentavam minha inquietação em relação ao sentido e importância das aulas de Educação Física para formação do aluno. Como poderiam as aulas em que alguns alunos são excelentes – mas na aprendizagem ou atitudes em sala, faziam as colegas de outras áreas descreverem outra pessoa e ao mesmo tempo gerar a idéia de que a Educação Física eles gostam porque é brincadeira, é bagunça – contribuir para o desenvolvimento da educação?

MONTES(2007)<sup>7</sup> esclarece em um de seus textos, que para as crianças da faixa etária de 10 a 12 anos deve-se ensinar de modo integral uma grande variedade de esportes. Assim elas adquirem uma base esportiva geral que poderão aplicar independentemente do esporte em que se especializarem.

7. Elena Efedaque Montes, in Exercícios de Educação Física da Ciranda Cultural - 2007

Nos exercícios de iniciação esportiva o ensino dos valores e atitudes tem um papel de bastante destaque deve-se então priorizar o aprendizado do saber ganhar e perder, a resolução de conflitos por meio de diálogos e a aceitação de grau de capacidade e o reconhecimento das próprias limitações. Teoria que animava minhas expectativas para a prática, pois endossava a minha visão de que as aulas de Educação Física eram embasadas no esporte, mas levando em conta todo o contexto de sua prática, poderiam ser um caminho para uma metodologia participativa na formação global do aluno. Os obstáculos que limitavam ou anulavam essa idéia de ensino integral, faziam minhas reflexões buscar soluções nas possíveis causas destas dificuldades. Na busca destas procedências percebi que a minha visão de educação não foge da idéia geral dos autores que tive a oportunidade de ler. “As atividades, tarefas e responsabilidades dos alunos não são só a de correr, brincar ou jogar, mas necessita também de conhecer melhor estas atividades bem como a manifestação corporal que está experimentando”<sup>8</sup>. Mas como fazer isso se concretizar na prática? Depois de horas em sala de aula, os alunos saem para o pátio e querem é correr, brincar, jogar, praticando e não refletindo ou teorizando alegrias e prazeres. Para eles a Educação Física é prazer, pelo fato de poder se movimentar e por fazê-los raciocinar. Então concluí que para exigir uma postura mais reflexiva destes movimentos nos alunos precisamos conscientizá-los dos verdadeiros objetivos da Educação Física escolar enquanto componente curricular. E se pensarmos em uma planta, por exemplo, ela só dá frutos se tiver uma boa raiz pra crescer forte e se for cuidada em todo o seu desenvolvimento.

8. Adriana Gaier(2001), apud SOUZA (1999).

Na Educação Física, para o aluno ter uma visão mais ampla e concreta da importância e da influência em sua vida sócio-cultural desta disciplina, para provocar uma mudança de pensamento, levando-o a ser mais participativo, comprometido, e consciente do meio em que está inserido, interagindo de maneira mais concreta no processo de ensino aprendizagem e na construção do conhecimento, precisamos fortificar as “raízes” destes pensamentos e conscientizações, ou seja, é necessário começar nas séries iniciais, onde a criança busca através das brincadeiras e jogos liberar energia, motivação, afirmação de personalidade, fantasias, explorar e descobrir, descarregar impulsos e emoções, enfim fase em que está se preparando para uma vida de diversidades e transformações que necessita de autoconfiança e autonomia para enfrentar.

## PRÁTICA PEDAGÓGICA - SÉRIES INICIAIS

*Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.*

Paulo Freire<sup>9</sup>

Foram as intenções de fortalecer os pensamentos e conscientização da importância deste componente curricular para a Educação desde suas origens, e que endosso aqui por mais um pensamento de Freire, que impulsionaram e incentivaram minha decisão de aceitar o desafio de trabalhar na Educação Física das séries iniciais (pré a 4ª série ou 1º a 5º ano), projeto proposto por uma das escolas em que atuava. Primeiramente as dificuldades pelo pouco conhecimento e fraca preparação pedagógica para trabalhar neste período escolar estimularam ainda mais minhas pesquisas e leituras. Aprendi muito sobre desenvolvimento infantil, métodos e técnicas para trabalhar com crianças, brincadeiras e atividades lúdicas para as séries iniciais, mas além de surgirem novos questionamentos em minhas reflexões, ainda faltava preencher as lacunas que me levaram aceitar este desafio: como a Educação Física contribuiria para o processo ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, para o crescimento da criança? Como resolveriam, ou *se* resolveriam, as dificuldades encontradas nas aulas de Educação Física nas séries finais? Como provocar mudanças de pensamentos e visões distorcidas em relação aos objetivos da Educação Física na educação em geral? Enfim um conjunto de questionamentos que me levaram a concluir que não seria fácil.

9. Pensamento de Paulo Freire retirado do livro de YOGI, Chizuko - Aprendendo e brincando com Música e Jogos- vol 1 -2003 – Ed FAPI. pg 11.

Novamente FREIRE em sua Pedagogia da Esperança, colocando que “a esperança é uma necessidade ontológica, pois sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate<sup>10</sup>” que me impulsionou a seguir em frente. Com esperança, iniciei meu caminho pedagógico enquanto professora de Educação Física em séries iniciais, usando minhas experiências práticas de vida, minhas aulas nas séries finais, meus conhecimentos de graduação e minhas leituras e pesquisas. Primeiramente, as aulas se baseavam em atividades e jogos prontos e aos poucos percebi que recriando estas atividades havia uma maior participação dos alunos, tanto na criação de novas regras com na pratica de atividades diferentes do costumeiro “jogo de bola”. As reuniões pedagógicas e conversas informais com colegas serviram de subsídios para minha criatividade.

Observando as aulas de Educação Física, dadas pelas pedagogas da outra escola em que atuava em séries finais, as quais se baseavam em brincar na pracinha, corda para as meninas e futebol para os meninos, percebi que poderia estar ali uma das possíveis causas das visões distorcidas das aulas de Educação Física dos meus alunos nas séries finais. Alunos que muitas vezes estão fora de idade da série, e/ou não eram chamados para participar das brincadeiras na hora da recreação, de repente se veem diante de atividades que, ou lhes traziam recordações frustrantes, ou não lhes acrescentavam nada em seu crescimento, ou ainda lhe provocavam constrangimento devido ao seu tamanho ou pouco, ou quase nada, conhecimento da atividade proposta. Com certeza o esporte, mais precisamente o futebol, lhes daria uma autoconfiança maior, já que é praticado tanto por crianças quanto por adultos, e aos excluídos um motivo a mais para não participarem: “Não sei jogar”.

10. FREITAS, Ana Lúcia, aluna da PUCRS, apud Paulo Freire.

Em conversas informais, participação e discussões em reuniões pedagógicas, pude perceber que muitas de minhas colegas não estavam ou não se sentiam preparadas para ministrar aulas de Educação Física, sem contar as que diziam não gostar de atuar nesta área, e concordavam que gostariam de uma proposta que envolvesse a participação ou a orientação dos professores especialistas. O que não interferiria na unidocência, mas ajudaria numa melhor inclusão deste componente curricular nas séries iniciais.

Yogy (2003) diz que devemos proporcionar às crianças, dentro do possível, oportunidades e situações diversificadas que permaneçam para sempre de forma produtiva e Zambrin(2003) complementa que quando a criança está brincando, ela está fazendo a sua Arte, criando os alicerces de sua personalidade e que uma pedagogia centrada no desejo de levar a criança a experimentar situações com as quais futuramente poderá deparar ao longo de sua vida, poderá formar crianças autônomas e não crianças com respostas automatizadas<sup>11</sup>. Os objetivos reais da Educação Física nas séries iniciais estavam começando aparecer, e mais, a importância da presença prática deste componente curricular em todos os níveis escolares para a aquisição geral de conhecimento se tornava inquestionável. Percebi, então, no meu trabalho com as séries iniciais um ponto de partida para as mudanças que almejava em minhas aulas com as séries finais, além de um meio de deixar clara a participação da Educação Física no desenvolvimento geral do aluno. Enfim, comparando minhas aulas em séries finais, na escola em que também atuo nas a séries iniciais e a outra, onde fico somente nas séries finais, me vem à memória uma frase de Ayrton Senna: “Se a gente quiser modificar alguma coisa é pelas crianças que devemos começar.”

11. Aprendendo e Brincando, v.1, p 7 e p 11.

## **BUSCANDO RESPOSTAS**

Os resultados positivos de minha atuação em séries iniciais refletindo no meu trabalho com séries finais, as conversas informais com colegas da área e pedagogos, participações e discussões em reuniões pedagógicas e cursos de formação, onde procurei conscientizar da obrigatoriedade da presença desta prática, me levaram a conquistar a confiança e o respeito pelo meu trabalho, o que me deu mais forças para continuar na busca por mais argumentações teóricas, levando-me ao Curso de Especialização em Educação Física Escolar da UFSM. A intenção era fazer uma pesquisa bibliográfica em busca de argumentações teóricas para uma reflexão crítica sobre a prática da Educação Física nas séries iniciais, identificando e analisando as diferentes possibilidades de contribuição para a formação global do indivíduo, assim como, também para a continuação do ensino nas séries seguintes, buscando uma maior valorização dessa disciplina.

As aulas, leituras, discussões e trabalhos propostos durante o curso, me fizeram perceber a amplitude de referenciais e pesquisas em busca de uma nova metodologia para as aulas de Educação Física visando à maior valorização da disciplina. Entre estas teorias pude me inteirar da concepção crítico-emancipatória apresentada por Kunz (1996) que defende: “uma Educação mais emancipadora, voltada para a formação da cidadania do jovem do que de mera instrumentalização técnica para o trabalho” (p.144). Concordo e entendo que para uma Educação Física, que visa a formar sujeitos críticos, autônomos, com capacidade de refletir e contextualizar seus conhecimentos, o educador precisa desenvolver competências relacionadas ao contexto dos alunos na sua prática pedagógica.

Na concepção crítico-emancipatória, a competência social refere-se aos conhecimentos e esclarecimentos que os alunos devem adquirir para entender o próprio contexto sócio-cultural; e a competência comunicativa assume um processo reflexivo responsável por desencadear o pensamento crítico, e ocorre através da linguagem, que pode

ser de caráter verbal, escrita e/ou corporal. Busca-se aqui, desenvolver essas competências, a partir do momento em que a criança, frente às dificuldades que irão aparecendo, percebe os diferentes papéis que cada um desempenha ou as diferentes formas com que executam um mesmo papel, ou ainda, que perceba seu colega como pessoa que tem qualidades individuais distintas, aprendendo também a respeitá-lo. E através da comunicação verbal, aluno e professor irão interagir, refletir e discutir, as possíveis soluções e/ou modificações do jogo, buscando atender as expectativas do grupo. “É no brincar que a criança constrói simbolicamente sua realidade e recria o existente. Assim, as crianças são desafiadas a fazer suas próprias definições com um “se-movimentar”, adequado e correspondente ao papel a ser desempenhado, sendo necessário, portanto, instigar a criação.” (Kunz ,2003)

Kunz e sua concepção emancipadora vieram ao encontro às minhas expectativas de metodologias apropriadas às séries iniciais, pois uma aula dentro desta visão possibilita ao aluno uma experiência de conviver em sociedade atendendo os conceitos de liberdade, esperança e individualidade (aspectos psicológico, social, intelectual, moral, espiritual – personalidade) qualidades que, no meu ponto de vista, são essenciais para o desenvolvimento da criança nos seus primeiros anos escolares e que irão contribuir para uma visão mais consciente do verdadeiro papel da Educação Física na sua formação geral para si e para a vida.

As aulas, nesta visão, são provocações ao desenvolvimento da criança, partindo do princípio que o desenvolvimento dar-se-á de forma natural e progressiva, respeitando o particular de cada criança, o tempo de maturação biológica e a interação social. Enfim, uma aula de Educação Física que busca desenvolver as competências sociais e comunicativas, na visão crítico-emancipatória, estará compatibilizando teoria e prática, discurso e ação e, sobretudo, incluindo as crianças como partícipes do processo.

Ainda entre as leituras sugeridas no curso, e sendo apreciadora de textos filosóficos, como já foi dito, identifiquei-me também com a fenomenologia de Merleau Ponty

que busca a interpretação do mundo através da consciência do sujeito formulada com base em suas experiências. O método fenomenológico consiste em mostrar o que é apresentado e esclarecer este fenômeno. Para a fenomenologia um objeto é como o sujeito o percebe, e tudo tem que ser estudado tal como é para o sujeito e sem interferência de qualquer regra de observação cabendo a abstração da realidade e perda de parte do que é real, pois tendo como objeto de estudo o fenômeno em si, estuda-se, literalmente, o que aparece. Para a fenomenologia um objeto, uma sensação, uma recordação, enfim, tudo tem que ser estudado tal como é para o espectador.

Buscou-se, então, na fenomenologia merleau-pontyana, a contribuição deste pensamento para uma reflexão que contribua para elucidar alguns pressupostos da didática da Educação Física, referindo-se especialmente ao sujeito da aprendizagem. Para Merleau-Ponty (1999) fenomenologia é o estudo das essências, que compreende as afirmações da atitude natural e que tenta desenvolver diretamente as nossas experiências tal como o são. O “*corpo objetivo*” é um objeto distanciado dos fenômenos e o “*corpo próprio*” ou “*fenomenal*” é o corpo vivo, a verdade do corpo tal como nós o vivemos. Diz ainda, que perceber é, a partir do passado, que não me é totalmente conhecido (*corpo habitual*), e apoiado na materialidade do presente (*corpo atual*), lançar-se ao futuro, que não me é totalmente previsível (*corpo perceptivo*). Alguns autores argumentam que a Educação Física tem considerado mais os efeitos do meio sobre o corpo, enquanto a fenomenologia merleau-pontyana indica que deverá também ocupar-se do efeito do corpo sobre o meio, sobre as coisas e os outros. Esclarecendo que há muito mais numa relação do jogador de futebol e sua bola do que uma ligação “direta” e “pura”. Há uma significação que vai sendo refeita, à medida que vão se modificando as situações de jogo. O gesto e sua significação não podem ser dissociados, pois os gestos são significativos de experiências vividas em novas significações e fica sempre aberta a criação de novos gestos e novas significações.

Refletindo sobre as possibilidades desse movimento e a Educação Física podem ver que a fenomenologia rompe com o paradigma da simplicidade e com a separação do

sujeito e o objeto. O homem está todo e inteiro em tudo que faz, é o todo no todo sem separação e distinção. Parafraseando Merleau-Ponty, o corpo não é um simples organismo, mas uma rede de intencionalidade, fonte de comunicação com o mundo. A consciência do corpo e o mundo são estruturas que só se compreendem quando relacionados entre si. Isso, portanto, leva o professor de Educação Física, a uma reflexão sobre a validade de um trabalho preso ao pré-determinado, ao mundo externo, passando um conhecimento programado para ser comparado no final com o chamado movimento “ideal” (ex. movimentos feitos por atleta de alto nível) provocando uma perda significativa para o movimento. Nesta visão, o aluno não tem consciência do seu movimento do seu corpo, apenas repete o que vê (possível motivo das evasões nas aulas da disciplina). Uma didática de Educação Física, com inspiração fenomenológica, proporciona a prática educativa uma nova significação do ensinar e do aprender em Educação Física, dando também, às experiências dos sujeitos, novas significações, isto é, oportunizando ao aluno vivenciar experiências bem sucedidas dando a ela a oportunidade de criação. O sujeito produz o movimento e tem também a consciência do que está fazendo, buscando assim a revalorização do seu agir.

Reiner Hildebrandt e sua pedagogia do movimento e de suas aulas abertas a experiências vêm complementar os pensamentos por mim colocado neste estudo. Hildebrandt, implicando Piaget na aula de Educação Física, mostra-nos que temos que considerar que os alunos têm que ter a liberdade e a possibilidade de atuar autonomamente, o que quer dizer que cada indivíduo tem que fazer por si mesmo e compreender o movimento através da interpretação e configuração individual. O movimento mecânico é neutro, e, por isso, morre. O movimento vivo depende fundamentalmente da participação consciente do sujeito. As experiências cotidianas do aluno sendo levadas em conta numa aula de Educação Física abrem espaço para a criatividade, para o autoconhecimento e para a autonomia do “se movimentar”, sobrepujando a objetividade de uma aula com características de uma “educação bancária”, possibilitando ao sujeito, com suas particularidades individuais, provocar mudanças em si e no seu mundo.

Portando, temos aqui instrumentalização teórica para os professores de Educação e Educação Física que buscam romper com paradigmas da simplicidade, isto é, que pretendem promover uma mudança didática que dê ao processo de aprendizagem uma caracterização voltada para subjetividade. Os professores de Educação Física que continuam colocando suas práticas pedagógicas baseadas apenas em conhecimentos científicos, ou seja, através de série de movimentos repetidos até se aproximar do modelo fixo, correm o risco de formar indivíduos incapazes se comunicar com as coisas do mundo, de terem conhecimento reduzido da realidade e não terem compressão de seus movimentos, dentro do próprio esporte e diante das complexidades do mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as reflexões provocadas por este estudo, percebi como é complicado ensinar vários tipos de alunos, pois cada um está na escola por um motivo e objetivo diferente (entre aqueles sem objetivo). Na verdade o próprio sistema escolar, a questão da obrigação, a avaliação, a nota, o ensino, a juventude e suas metas (ou falta de metas)... tudo torna o processo educativo muito complicado.

Mas pela certeza de que acreditar que o mundo está em constantes mudanças, que precisam ser enfrentadas, penso ser necessário nos conscientizarmos de que a Educação é o eixo principal para uma nova adaptação. E a Educação Física dentro deste eixo é uma peça fundamental para o bom funcionamento da “engrenagem”. Por isso a urgência em garantir a conscientização da importância desta disciplina na formação do indivíduo, enquanto ser social. Para isso os educadores da área precisam tomar uma atitude filosófica, no meu entender, em suas práticas e estar dispostos a mudanças, a readaptações e a novas metodologias que facilitem a busca pela valorização do seu trabalho. *O “futuro está nas mãos das crianças”, mas quem vai ensiná-los a enfrentar este futuro?*

O curso de Especialização, as discussões posteriores, as leituras e mudanças nas minhas aulas em função das novas concepções e conhecimentos adquiridos, deram-me a compreensão do quanto a Educação Física pode participar do processo ensino aprendizagem, cooperando com a formação geral do aluno. Penso que isto é possível utilizando-se das vantagens de ser uma aula prazerosa por suas característica de lazer, ensinando princípios pertinentes a vida social, contextualizando conhecimentos. Percebi que o trabalho com as séries iniciais é de grande importância neste desafio de mudar a visão de que a Educação Física é só brincar e jogar; e de conscientização da importância desta disciplina na vida educacional e pessoal do aluno. Quando me foi proposto o desafio de trabalhar com as séries iniciais, pensei, a principio, que não daria conta da tarefa, pois não fazia parte de minha

formação, aos poucos o trabalho foi tomando uma direção onde encontrei um possível caminho para melhorar e valorizar mais minha ação nas séries finais. Minhas pretensões não são de invadir o trabalho dos colegas pedagogos, nem tampouco culpá-los pelas dificuldades encontradas pelos profissionais especializados, mas conscientizar da importância e colaborar com as dificuldades que eles encontram hoje devido as suas formações e/ou experiências neste componente curricular. A Educação atual pede um trabalho de equipe por parte dos educadores em prol da emancipação e do crescimento intelectual de nossos alunos. "Educai as crianças e não será necessário punir os homens" (Pitágoras)

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a pedagogia do Oprimido**. Ed. Rio de Janeiro PAZ E TERRA, 245 P. Review by Souza de (PUCRS, Brasil) - Revista de Educação; Ciência e Cultura/Centro Educacional La Salle de Ensino Superior (CELES) 2 (1), pp. 114-117 (Outono de 1997).

MURCIA, J. A. M. **Aprendendo através do Jogo**. Ed. Artmed, 2005.

MARTON, S. **A irresistível busca de sentidos**. Editora UNIJUÍ, 2004.

KUNZ, E. **Didática da Educação Física 1**. Editora Unijuí, 2003.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte. 4**. Editora Unijuí, 2001.

GAIER, A. M. **Educação Física Escolar: Buscando alunos reflexivos**. Monografia de Especialização – UFSM – 2001

YOGI, C. **Aprendendo e brincando com música e com jogos**. Ed. Fapi, 2003. Pg.7

ZAMBRIN, V. A. **Aprendendo e brincando com música e com jogos**. Ed. Fapi, 2003. Pg. 11.

FREITAS, A.L. MONTES, E. E. **Exercícios de Educação Física**. Ed. Ciranda Cultural, 2007. Pg. 9

Textos Auxiliares:

- EXPERIÊNCIA – UMA CATEGORIA CENTRAL NA TEORIA DIDÁTICA DAS AULAS ABERTAS- Hildebrandt

- POR UMA DIDÁTICA DA POSSIBILIDADE. IMPLICAÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA. *Artigo produzido por Mauro Betti, Elenor Kunz, Lísia C. Gonçalves de Araújo e Eliane Gomes-da-Silva. Revista de Ciência do Esporte, jan. 2007.*

- MERLEAU-PONTY: O FILÓSOFO, O CORPO E O MUNDO DE TODA A GENTE!  
Terezinha Petrucia da Nóbrega ( Doutora em Educação, UFRGN, Departamento de Educação Física, Grupo Corpo e Cultura de Movimento, Programa de Pós-Graduação em Educação)

